

# O <sup>Glenn</sup>Brasil segundo o

## New York Times: um país que é quase uma piada.

JORNAL DA TARDE

\* 7 MAI 1991

A contestação da Justiça ao bloqueio de cruzados novos decretado pelo Plano Collor e a constrangedora ordem de prisão expedida contra o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, freqüentaram no domingo o noticiário econômico do jornal norte-americano *The New York Times*. Em uma avaliação pouco lisonjeira sobre o primeiro ano de governo do presidente Fernando Collor, o jornal descreve a erosão da credibilidade da equipe econômica e do próprio presidente, que visitará os Estados Unidos em junho.

O *NY Times* encontrou na recém-lançada nota de Cr\$ 10 mil a ilustração ideal para o fracasso da política antiinflacionária do governo Collor, especialmente do congelamento de preços e salários decretado em 31 de janeiro. O jornal lembra que há pouco mais de um ano, quando o presidente tomou posse, Cr\$ 10 mil valiam US\$ 134 — e hoje a nova nota não compra mais que US\$ 34.

Com uma inflação acumulada de 75% nos quatro primeiros meses do ano e o congelamento “tratado como piada” fora de Brasília, o *Times* detecta na classe média brasileira uma “revolta generalizada”. O jornal lembra as mais de 150 mil ações judiciais pedindo o desbloqueio dos cruzados novos e descreve as pressões do governo para evitar uma derrota na Justiça — onde o bloqueio é descrito por juízes como “apropriação indébita” ou simplesmente “roubo”.

A falta de credibilidade da equipe econômica se alastra, segundo o *Times*, até entre políticos que apóiam o governo ou que apoiaram o plano — os exemplos citados são, respectivamente, um deputado do PFL maranhense e o deputado Cesar Maia (PMDB-RJ). Mas o jornal

localiza o ponto alto do desprestígio na ordem de prisão expedida contra o presidente do Banco Central: “Eris ficou escondido por seis horas na sede do BC, até que seus advogados conseguissem um habeas corpus”.

O *Times* atribui parte das dificuldades da equipe econômica ao comportamento da ministra Zélia Cardoso de Mello, “descrito por muitos empresários como uma mistura de arrogância e petulância”. As relações tensas com o empresariado ajudam a explicar por que no ano passado empresas brasileiras investiram no Exterior uma soma superior à dos investimentos externos dirigidos ao País — uma fuga de capital calculada em US\$ 1 bilhão, num ano em que México, Argentina, Chile e Venezuela acusaram um saldo favorável de investimentos.

Reflexo dessa imagem deteriorada, o *Times* lembra que o governo brasileiro precisou de mais de seis meses para fechar com os bancos credores um acordo sobre os juros atrasados da dívida externa. Além de tentar a maior soma de débitos atrasados do mundo, o Brasil é também o devedor cujos atrasos de pagamentos mais crescem — de US\$ 3,4 bilhões em 1989 para US\$ 9,5 bilhões em março passado. Numa última estocada, contra Zélia, o *Times* recorda as pesadas críticas da ministra aos Estados Unidos, que adiaram a liberação de um empréstimo aprovado para o País pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento para acelerar o fechamento do acordo sobre os juros atrasados. “Num jantar, Zélia disse palavras ásperas ao subsecretário do Tesouro David Mulford”, relata o jornal. “Com o crédito suspenso, os brasileiros fecharam rapidamente o acordo e o empréstimo foi aprovado”.